

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *O pintor de retratos*. Porto Alegre: L&PM, 2001. 181 p.

Uma primeira questão teórica deve desde logo ser fixada, e que não vai em detrimento de qualquer análise da obra. *O pintor de retratos* é uma novela e não um romance. Tem um único enredo, centralizado numa só personagem, Sandro Lanari, um jovem pintor italiano que, emigrando para o Rio Grande do Sul, ao final do século XIX, ali se torna fotógrafo e termina por documentar algumas imagens da Revolução Federalista de 1893.

Por trás desse enredo, contudo, que repete algumas situações já típicas da ficção de Assis Brasil, como aquela das viagens, o que temos é uma discussão em torno da própria obra de arte, sua ética e seu valor.

Assim, a grande divisão vivida por Sandro Lanari é o fato de, em sendo pintor de retratos, enfrentar, na passagem do século XIX para o XX, o surgimento e a afirmação da fotografia. O tema, em seu debate teórico, pode ser encontrado, por exemplo, no conhecido ensaio de Walter Benjamin *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, em que o teórico frankfurtiano debate a sobrevivência da *aura* da obra de arte e aponta para a sua democratização, a partir da conquista das novas tecnologias, uma delas, justamente, a da fotografia.

O outro debate é o da ética da obra de arte, diretamente vinculado ao primeiro. Lanari, em parte frustrado, em parte desafiado pela arte de Nadar, que descobre em Paris, emigra para o Brasil, fixa-se em Porto Alegre, onde encontra outros fotógrafos que afirmam a nova técnica/arte na cidade e, enfim, parte para a campanha, onde termina por fixar um momento-limite

da vida e da morte, do mesmo modo que Nadar, seu modelo ideal e desafeto, havia feito com a imagem do escritor Alexandre Dumas à beira do leito de morte.

A reação de Nadar, ao ver a fotografia mostrada por Sandro, que retorna a Paris, é de desprezo. Culpa o fotógrafo por não ter salvo a vítima que ele fixara num flagrante terrífico. Sandro, que ao longo de toda a vida perseguiu o *ser artístico*, primeiro através da pintura, e depois através da fotografia, sente-se definitivamente derrotado: rasga em pedaços a imagem, que atira ao lixo. A narrativa se encerra com alguns meninos tentando recompor a imagem e revelando a fragmentação da personagem, justamente através da imagem incompleta. Com isso, chega-se a um outro tema também caro ao escritor e, na verdade, o principal centro de sua preocupação, se prestarmos atenção às epígrafes da obra: o próprio sentido da vida e a questão da ética igualmente aplicada ao cotidiano.

Luiz Antonio de Assis Brasil vem construindo uma obra literária que se distancia cada vez mais do regional, se é que alguma vez a ele pagou tributo. De modo geral, embora escolhendo os curtos limites da campanha como geografia de suas narrativas, extrapola-as no sentido metafórico de seus textos. Mais recentemente, optou por enfocar uma polêmica personagem regional para discutir as perspectivas da política sul-riograndense que são, também, as da política brasileira e, de certo modo, da política continental.

O novo livro significa um salto, de certo modo, porque, por trás da aparente humildade do relato, até mesmo na forma escolhida, a novela, mais simples e talvez *mais fácil* de ser concretizada, aprofunda, contudo, suas reflexões. Ampliados os limites geográficos da narrativa, o autor, contudo, passa ao largo de todos esses elementos apenas externos, para fixar sua atenção numa questão mais profunda: as tecnologias que fixam imagens de um determinado tempo não são neutras, mas, acima de tudo, são os homens que decidem sobre seu sentido e valor. Por isso, a perseguição utópica de Sandro Lanari se frustra. Ainda que individualmente se pudesse dizer ter sido ele um vencedor, seu arrivismo social impediu-o de entender a responsabilidade ética que a arte possui, e por isso, ao contrário de

Nadar, que não deixou um nome apenas por suas habilidades técnicas, mas por entender a arte do retrato, nada mais deixará do que uma imagem de morte, fragmentada, que nada significa, porque expressa tão somente a barbárie – aliás, outro tema muito presente nos escritos de Benjamin quanto dos demais frankfurtianos –, esteja ela nos campos da campanha sul-riograndense ou nos campos de concentração nazistas da Europa da Segunda Grande Guerra.

Antonio Hohlfeldt

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS